

Educação Popular e Movimentos Sociais: a experiência do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – PE

Educación Popular y Movimiento Sociales: la experiencia del Movimiento de los Trabajadores Sin Techo – PE

Jhonatan Júnior Alcântara
Volmir José Brutscher
Universidade de Pernambuco (UPE)
Nazaré da Mata – Brasil

Resumo

O presente trabalho é resultado de parte de dissertação produzida no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Pernambuco (PPGE-UPE). A pesquisa foi realizada em uma ocupação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), nomeada Carolina de Jesus, situada em Recife-PE. O objetivo consiste em analisar a experiência do Movimento na criação de uma escola de Educação Popular para Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), com enfoque na alfabetização do público do próprio território. O artigo está dividido em três tópicos, sendo o primeiro dedicado a uma breve apresentação sobre o conceito de Educação Popular, o segundo destinado à exposição da metodologia utilizada na realização da pesquisa e o último tópico para a exposição dos dados da própria pesquisa. Os Resultados demonstram a contribuição política e pedagógica do MTST na luta pelo direito a teto e educação, enfim, à dignidade.

Palavras-chave: Educação Popular; Movimentos sociais; Alfabetização de adultos.

Resumen

Este trabajo es resultado de parte de una disertación realizada en el ámbito del Programa de Postgrado de la Universidad de Pernambuco (PPGE-UPE). La investigación se realizó en una ocupación del Movimiento de Trabajadores Sin Techo (MTST), Carolina de Jesús, ubicada en Recife-PE. El objetivo es analizar la experiencia del Movimiento en la creación de una Escuela de Educación Popular para Jóvenes, Adultos y Mayores (EJAI), con enfoque en la alfabetización pública en el propio territorio. El artículo se divide en tres temas, el primero dedicado a una breve presentación sobre el concepto de Educación Popular, el segundo destinado a explicar la metodología utilizada para realizar la investigación y el último tema a exponer los datos de la propia investigación. Los Resultados demuestran el aporte político y pedagógico del MTST en la lucha por el derecho a la vivienda y a la educación.

Palabras clave: Educación Popular; Movimientos sociales; Alfabetización de adultos.

Introdução

O presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Pernambuco (PPGE-UPE). A pesquisa nasce de uma inquietação entre os sujeitos da base do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), acerca da possibilidade de um projeto de alfabetização para adultos e idosos da Ocupação. Considerando essa possibilidade, a Brigada de Educação do Movimento foi provocada a refletir sobre a seguinte questão: *“já existem atividades educativas direcionadas para as crianças dos territórios, mas, nós, adultos, também não temos o direito de ler e escrever nossa própria história?”*. A partir da indagação posta e de reflexões posteriores baseadas nas contribuições de Freire e Macedo (2015), elaboramos um projeto que visava, ao mesmo tempo, impactar positivamente os sujeitos do território ao passo que se sistematizava a experiência por meio de uma pesquisa acadêmica. Assim, podemos qualificar esse trabalho tanto como uma exposição dessa experiência ainda em curso, quanto uma análise crítica do que vem sendo desenvolvido até agora no âmbito do Movimento, com finalidades acadêmicas e de atuação militante.

O trabalho está dividido em três tópicos, sendo o primeiro responsável por uma breve conceituação da Educação Popular e seus aspectos constitutivos. Faz-se necessária essa introdução, já que se trata de um conceito que: a) é retomado várias vezes no decorrer do trabalho e de diversas formas; b) agrupa uma série de elementos teóricos e metodológicos em torno de si; c) já construiu uma trajetória na Educação, no contexto latino-americano, o que resulta em certa polissemia a qual se visa contornar.

O segundo tópico diz respeito à descrição da metodologia utilizada na coleta e na análise dos dados – desde questões teóricas mais amplas até os procedimentos utilizados na pesquisa de forma mais restrita.

E, por último, far-se-ão a análise e reflexão dos dados da pesquisa, levando em consideração as diferentes questões norteadoras e dos diferentes sujeitos que participaram do estudo. Vale ressaltar que o presente artigo é um recorte de uma pesquisa maior e, por isso, os dados e a discussão serão apresentados de forma parcial, vide as diferenças entre o formato de dissertação e o formato de artigo.

A Educação Popular (EP), enquanto fenômeno educativo específico, diferencia-se da educação formal institucionalizada, sobretudo pelo compromisso político explícito com as causas populares e pelo horizonte transformador em relação às estruturas políticas e sociais estabelecidas. Mesmo que haja, dentro da institucionalidade, a intenção da transformação dos sujeitos de forma individual e/ou coletiva, a mudança radical da sociedade sai do primeiro plano, uma vez que, tanto as escolas como as demais instituições, funcionam como Aparatos Ideológicos de Estado (Althusser, 2003), garantindo a reprodução do sistema de produção vigente. Segundo Paludo (2015), as condições para a emergência da Educação Popular na América Latina se dão, principalmente, a partir da efervescência política da segunda metade do século XX, como uma necessidade de contestação não apenas à ditadura empresarial-militar instalada no Brasil, mas também de defender um projeto de mundo capaz de expressar os anseios das classes populares organizadas.

Isso dito, nos utilizamos das contribuições de Brutscher e Scocuglia (2017) para uma definição pormenorizada do conceito de Educação Popular, a partir de uma lógica que, em especial, o dilui em elementos constitutivos os quais, embora delimitem suas características fundamentais, não causam a perda de originalidade de cada experiência.

Nessa perspectiva, os autores estruturam a EP, considerando quatro aspectos: a) contexto; b) conceito; c) objetivos e d) metodologia. Cada um deles representa um momento de reflexão e serve para que organizações populares possam levantar as hipóteses que direcionarão suas experiências, uma vez que, apesar de diferentes elementos constitutivos e uma característica geral, como o compromisso político, a Educação Popular se realiza de diversas formas distintas.

O primeiro aspecto, o contexto, tem como centro da discussão a análise da conjuntura tanto macro quanto micro do mundo, isto é, desde as estruturas do sistema de produção vigente, sua dinâmica de sociabilidade, até as dinâmicas internas de cada território. Fazendo um paralelo com nossa experiência, esse aspecto se realizou em dois momentos. No primeiro momento, debateu-se, internamente, no Setor de Educação, em Pernambuco, sobre as potencialidades de uma experiência como aquela, levando em consideração as contribuições de cada sujeito envolvido no projeto, a fim de que fosse possível compreender o que era necessário saber para só então fazer o que se pretendia.

Em um segundo momento, ainda sobre o mesmo ponto ou aspecto, houve uma

reunião com os ocupantes da Carolina de Jesus, locus da pesquisa e território onde a experiência de EJA foi realizada, apresentando-se a proposta, ouvindo-se cada um, ressignificando-se o que havia sido pensado anteriormente e inserindo-se as contribuições das pessoas que vivem naquele território. Essa distinção de momentos serviu para que os proponentes pudessem oferecer algo, mas sem incorrer em uma prática antidialógica. Esse debate inicial, além de alicerçar uma perspectiva política clara, teve como finalidade a construção de uma coesão com as pessoas envolvidas na experiência. No caso da nossa pesquisa, houve um largo debate acerca da perspectiva da alfabetização, dos métodos e de como o projeto em discussão poderia ser adequado ao contexto da Ocupação Carolina de Jesus. Compreender essas experiências como fenômenos em movimento é de fundamental importância, ficando a cargo dos propositores a equalização entre o espaço para o diálogo e a coesão da proposta.

O segundo ponto, o conceito, estabelece os elementos teóricos formais da experiência. Quais eixos teóricos conformarão a experiência? Quais discussões permearão todas as atividades e com qual frequência essas discussões podem ser alteradas? Esse ponto é de fundamental importância para que haja uma formalização do que são as prioridades teóricas e políticas de cada experiência. Na experiência da presente pesquisa, o eixo teórico alicerçou discussões acerca do direito à moradia. Este eixo, além de nortear os rumos políticos da ação do Movimento em sua abrangência também orientou as aulas ministradas no território. Ali, a lógica freiriana de um tema gerador foi imprescindível. Desse modo, discutiu-se sobre mobilidade urbana, direito ao lazer, educação formal para crianças e adultos, entre outras temáticas. Sem esse momento de reflexão, a experiência correria o risco de incorrer em um espontaneísmo vazio, abandonando seu foco central, que é a politização e formação das camadas populares, e, no nosso caso, a alfabetização dos adultos e idosos do território.

A conseguinte questão são os objetivos. Neste aspecto, o importante foi identificar, dialogando com os demais elementos, aonde se quer chegar, qual o horizonte micro e macro de cada experiência. Sem dúvidas, é necessário que sejam traçados objetivos gerais, previamente, para orientar a discussão. Vale destacar que, somente a partir da complexificação do debate, levando em consideração diferentes variáveis, é possível estabelecer com mais clareza o que buscamos com o projeto que está sendo formulado.

Diante dessas questões, o ponto fundamental para a formulação de objetivos é justamente a viabilidade destes. Objetivos pouco ambiciosos produzem uma experiência simplista que, inserida na dinâmica de Movimentos Sociais, pode ter pouco ou nenhum efeito prático. De outra feita, objetivos inexecutáveis podem produzir uma frustração em todos os sujeitos envolvidos, desanimando-os e inviabilizando a continuidade da experiência.

O próximo ponto diz respeito aos sujeitos. Estes são os responsáveis por fortalecer a coletividade e esclarecer ainda mais com quem se está atuando. O sujeito popular organizado é um sujeito fundamentalmente histórico e, por isso, precisa ser analisado e reanalisado constantemente por aqueles que se comprometem com sua emancipação. Compreender as dinâmicas de classe, a fase em que se encontra o capitalismo, os novos paradigmas de sociabilidade e as distintas identidades que compõem o todo são apenas alguns dos exemplos do que deve estar presente nessa reflexão. Essa análise serve não apenas para que se produzam, teoricamente, novos paradigmas sociológicos, mas também como um termômetro de onde, com quem e como atuar, levando em consideração todas as variantes que podem surgir no seio de cada experiência. Um exemplo dessa genealogia do sujeito são os depoimentos contidos no livro “Sonhos e resistência: MTST e os testemunhos da luta popular urbana” de 2023 (Silva, 2023), obra em que militantes de todo o país relatam como foi seu contato com o Movimento, sua vida anterior à organização e posterior a esta. Essa caracterização do sujeito é condição sem a qual não é possível a elaboração das estratégias que devem ser aplicadas durante o processo.

O objetivo da Educação Popular não é unicamente a escolarização dos sujeitos que ali atuam. Para que educação se realize efetivamente, é preciso que se compreendam aspectos mais amplos do que estrutura, a saber: a forma como nos relacionamos, quais princípios da ideologia dominante em cada período histórico estão mais correntes, quais são as alternativas contra-hegemônicas que estão colocadas, especificamente qual sujeito compõe o território onde se atua. Todas essas questões precisam ser interpretadas como peças, porém totalmente imbricadas ao todo operante. Se assim não for, assim como os outros pontos, os resultados podem ser contradições internas que inviabilizam a experiência.

Sobre a metodologia, podemos apresentá-la como o aspecto mais importante em nível operacional, independentemente da experiência, uma vez que diz respeito a

procedimentos e gestão dos materiais disponíveis. Trata-se de um aspecto que tem o centro da sua funcionalidade na ação dialógica entre os sujeitos envolvidos. Para além de uma concepção política, essa ação dialógica cumpre um papel operacional essencial, pois se debruça em questões como definição de horários; espaço físico para a realização das atividades; dias da semana; conteúdos; métodos e afins. Por se tratar de algo desenvolvido por e com trabalhadores, questões como horários, datas e demais demandas do "dia a dia" acabam acumulando uma série de entraves que precisam ser resolvidos "no seio do povo", para manter a organicidade do processo.

A metodologia funciona, então, como um termômetro organizativo que delimita as potencialidades da experiência. Assim sendo, aquilo que é realizável passa a ter proeminência nos debates internos, e aqueles objetivos que, no momento, são irrealizáveis passam para segundo plano, podendo, portanto, ser realizados quando as demandas mais imediatas já tiverem sido resolvidas. É importante lembrar que a clareza metodológica e a viabilidade dos objetivos são elementos que precisam estar explícitos a todos os sujeitos que participam da experiência, evitando alienar o processo em prol de uma "agilidade" para "sair do papel". Além de ser de suma importância por uma questão ético-política, essa transparência ajuda a legitimá-la nos territórios, aumentando a aderência na base do movimento social em que está inserida, possibilitando a ampliação e a colaboração de outros sujeitos.

Apesar da necessidade da existência desses requisitos, também é de suma importância compreender que estes precisam estar abertos à reflexão de forma integral. Além de inalienável, a Educação Popular pressupõe um processo dialógico-dialético, no qual é possível que haja contradições, as quais devem ser discutidas abertamente, para, se necessário, se construírem novas reformulações. Esse cuidado com as contradições, às vezes até oportunas, compõe mais uma parte do todo de cada experiência, estando presentes em memórias e demais descrições sobre como tudo se desenvolveu na prática, evitando-se, portanto, seu tratamento como algo a ser superado com vias de "se livrar" de um problema. Oscar Jara Holiday (2006), ao estruturar métodos e conceitos de sistematização de experiências, ressalta a importância do espaço para esse embate de ideias, perspectivas e princípios, criando um ambiente saudável onde uma perspectiva

dialética de mundo encontra terreno fértil e alimenta a experiência, mantendo-a em movimento.

Investigação-Ação Participativa: (re)pensar a metodologia

Todo processo investigativo tem como elemento central a metodologia, ou seja, o arcabouço teórico e operacional necessário para coleta, análise e reflexão acerca dos dados. Nosso trabalho foi desenvolvido sob a perspectiva da Educação Popular e dos movimentos sociais e, portanto, se fez necessário um pressuposto fundamental para seu desenvolvimento: a inserção orgânica do pesquisador no *locus* da pesquisa, em relação direta com os demais sujeitos (Silva; Machado, 2013). A pesquisa é realizada na relação com os sujeitos da pesquisa, não para os sujeitos, não para o *locus*, relacionando-se esses dois objetos dialeticamente; desse modo, cada sujeito – tanto pesquisador quanto público do estudo – participa como sujeito cognoscente.

Partindo desse ponto, escolhemos como referencial metodológico a pesquisa-ação participativa ou "Investigación-Acción Participativa" (IAP). Pesquisar com base nesse referencial exige uma forma alternativa de inserção, com coleta e análise de dados consideradas "pouco ortodoxas", não sendo o bastante inserir-se como um avaliador, um investigador, separando os elementos e sujeitos de forma positivista, cartesiana. O fundamental é estabelecer uma relação intrínseca entre os sujeitos da pesquisa, a fim de que todos sejam responsáveis pelo processo e resultados da pesquisa, agindo mutuamente como pesquisadores e pesquisados – não se ignorando, entretanto, que fica a cargo do pesquisador o papel formal de elaborar a pesquisa (Leal, 2009). No contexto da Educação Popular, em uma pesquisa realizada no seio de um movimento social popular, não basta e não convém a inserção tradicional; é necessária também a inserção como sujeitos atuantes no movimento em questão. A pesquisa tem, então, um propósito duplo: i) corresponder às expectativas acadêmicas como exigem as instituições de ensino; ii) contribuir nos processos de luta e contestação protagonizados pelo movimento social, estabelecendo uma relação orgânica, teórica e prática.

Justificamos a opção por esse referencial teórico-metodológico por compreendermos que a dinâmica de um *locus* de pesquisa como um território sob ocupação de um movimento social acaba pautando a própria pesquisa, sendo necessário visualizar

esse território em uma perspectiva de não passividade, isto é, que seja compreendido como um espaço plural e em constante modificação. Borda (2014, p. 31) sintetiza essa compreensão quando afirma que: "uno siembra la semilla, pero ella tiene su propia dinámica". Nesse caso, a pesquisa representa um processo dinâmico que não pode ser compreendido isoladamente ou apenas como uma ferramenta para um fim, mas como um processo multifacetado em que os sujeitos atuam de forma coletiva para a construção de uma teoria e prática em movimento, próprias daquele grupo.

A essa capacidade de investigar e participar do espaço de pesquisa dá-se o nome de "sentipensar". Borda (2008 [1999]) identifica o sujeito com tal capacidade como aquele que reflete, critica e compreende a realidade por ele avaliada. Isso não é feito, entretanto, "de fora" e, sim, internamente, como parte daquele espaço, atuando ativamente, tornando-se capaz de sentir o processo enquanto pensa, enquanto investiga. As nuances deixam de ser, portanto, unicamente dados para serem descritos – na verdade, passam a ser questões com impacto direto na vida dos sujeitos envolvidos, podendo ocasionar momentos e afetos positivos, ou mesmo negativos, que farão parte da pesquisa e do pesquisador.

A Educação Popular é um fenômeno amplo e com larga tradição na América Latina, onde se consolidou especialmente a partir das contribuições de Freire (Fávero, 2013). Assim, como o próprio Freire demonstra na sua trajetória, a pesquisa em Educação Popular é feita necessariamente com base em um compromisso. Como já pontuamos, sentipensar é inserir-se completamente, estabelecer um compromisso com os sujeitos da pesquisa – condição que, nessa perspectiva, vai além da boa realização de qualquer estudo – e que se alinhe aos objetivos e interesses dos sujeitos das classes populares – no caso da presente investigação, o compromisso pela reforma urbana e pela formação política e pedagógica durante o processo de luta. Brandão (2013, p. 16) nos auxilia nesse processo quando coloca que:

(...) Deste modo, quando, no âmbito da educação popular, falamos de paradigmas emancipadores, estamos simultaneamente fazendo menção a uma dimensão gnosiológica (interpretação crítica da realidade), a uma dimensão política (posicionamento e opção alternativos frente a essa realidade) e a uma dimensão prática (que orienta as ações individuais e coletivas voltadas à transformação da realidade).

Isso dito, nosso objetivo foi analisar, enquanto participante do processo, a experiência de Educação Popular do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, em um contexto de ocupação urbana. A pesquisa tratou de analisar o Projeto Político Pedagógico

(PPP), a organização de espaços físicos para a realização das atividades e a formação de educadores populares que atuaram naquele espaço, com foco na formação de jovens, adultos e idosos, considerando todo o contexto em que se insere o Movimento, funcionando como um eixo central dessa experiência. Desde a elaboração de materiais didáticos até a formação dos educadores populares, foi necessária, portanto, uma reflexão específica com vistas a atender essas demandas postas pela luta cotidiana do Movimento e dos sujeitos que o compõem.

A Investigación-Acción Participativa tem como uma das estratégias de coleta e análise dos dados o conceito de Grupo de Base ou Círculos de Cultura, sendo este composto por diferentes sujeitos, podendo variar de tamanho, conforme o projeto ou experiência em que está inserido. A partir da revisão do trabalho de Chichoski (2021), percebemos que esse método de coleta possui um caráter descentralizado e adaptável a qualquer pesquisa. Ainda que existam métodos mais tradicionais, como Grupos Focais, por exemplo, optamos pelo uso dos Círculos de Cultura como método de coleta e de análise dos dados, por compreendermos que adaptar a fundamentação teórica a um modelo metodológico diametralmente oposto à proposta de *sentipensar uma pesquisa* seria um equívoco e impactaria negativamente na investigação. Os Grupos, ou Círculos, além de se encaixarem com a proposta, nos proporcionaram maior flexibilidade na formulação das premissas e auxiliaram na realização do estudo, já que estabeleceram uma relação entre os sujeitos, sem a pressão do "momento da pesquisa", quando os sujeitos ali presentes poderiam se sentir desconfortáveis, imaginando que, naquele momento, precisariam modificar a forma de agir e pensar para melhor se encaixarem na atividade em questão.

Por uma questão de familiaridade com o termo, além de o entendermos como melhor adaptável ao nosso contexto, nos referiremos ao grupo, neste trabalho, como Círculos de Cultura. Os Círculos possuem uma série de elementos que constituem seu *modus operandi*. Embora este precise ser previamente estabelecido, é possível ser modificado durante o processo de investigação, mostrando-se maleável e estável ao mesmo tempo. Os principais requisitos para a composição de um Círculo de Cultura são: a) a escolha dos participantes; b) delimitação dos momentos específicos dos encontros; c) elaboração/definição de questões norteadoras; d) e a análise dos dados. O intuito de sua criação foi o de diversificar os sujeitos envolvidos e inserir, na rotina do território, um

Educação Popular e Movimento Sociais: a experiência do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - PE

momento para debate de premissas, levantamento de discussões e resolução de problemas que perpassavam tanto as demandas locais quanto as demandas, de forma mais específica, da própria pesquisa.

As atividades foram realizadas principalmente na Ocupação Carolina de Jesus, situada no Barro – Recife. Considerando-se, porém, que as atividades de Educação Popular acontecem também em outras Ocupações do Movimento, esse espaço variou a partir das demandas colocadas pela conjuntura local, em especial no que se refere à formação dos educadores populares, processo que se deu de forma mista – online e presencial –, em vários momentos. Nosso Círculo de Cultura foi composto por 4 (quatro) Militantes de Base (M.B), 2 (dois) Membros da Direção (D.M) do Movimento e 4 (quatro) Educadores Populares (E.P). Os diferentes sujeitos colaboraram na construção de uma perspectiva multifacetada acerca do projeto, uma vez que ocupam espaços diferentes no processo. O objetivo foi não só realizar uma pesquisa acadêmica, mas também produzir um material que contribuísse para a sistematização de outras experiências similares no seio do Movimento, uma vez sintetizadas as experiências da Carolina de Jesus.

Para o levantamento dos dados e sua análise, utilizamos quatro questões norteadoras, a saber: I) pedagogicamente, para a realização da experiência, o que podemos elencar como fundamental?; II) Referente à utilidade política da experiência da Nísia Floresta, há algum ganho político para o Movimento que podemos destacar?; III) qual a importância da experiência para a estratégia do Movimento por luta pelo direito ao teto?; e IV) Como a experiência do MTST pode contribuir para a discussão acerca do direito à Educação de maneira mais ampla? Dessas questões derivaram as resoluções que definiram a aplicação da pesquisa e os resultados esperados.

Por último, os Círculos de cultura seguiam uma ordem de funcionamento que objetivava dinamizar o processo de investigação e atuação dos sujeitos na lógica do debate e da análise das questões que eram postas no cotidiano da experiência. No primeiro momento, acolhíamos cada sujeito, por meio de busca ativa no território da Ocupação; garantíamos a alimentação de todos os presentes e, por último, explicitávamos nossos objetivos com aquele encontro. Isso feito, iniciávamos os debates, colocando a questão norteadora e discutindo-a, reservando os momentos finais para a reflexão preliminar sobre tudo o que fora discutido. Enfim, analisávamos os dados, apresentando convergências ou

divergências, evidenciando as contradições que iam surgindo no processo do debate, concluindo com uma síntese – esta materializada no presente trabalho na transcrição das contribuições dos sujeitos, ou seja, suas intervenções no Círculo de Cultura. A estrutura do Círculo de Cultura está sintetizada na Tabela 1 abaixo.

Tabela 1 – Estrutura do Círculo de Cultura

ACOLHIMENTO	Busca ativa	Alimentação	Objetivos
CICLO DE DEBATES	Questão norteadora	Discussão	Reflexão
COLETA E ANÁLISE DE DADOS	Análise dos dados	Convergências e divergências	Síntese analítica

Fonte: Autoria nossa (2024).

Análise dos dados: a experiência de EJAII do MTST

Nossa coleta e análise dos dados se deram simultaneamente em conjunto com os sujeitos da pesquisa no momento da realização dos Círculos de Cultura. Cada questão norteadora foi discutida em um encontro, seguindo o modelo apresentado na metodologia. Aqui iremos apresentar todo o processo, de forma sintética, sendo uma questão norteadora, uma intervenção e uma reflexão, dividido em blocos. Apesar da síntese, esperamos poder representar como funciona o método e de que forma este pode contribuir para realização de pesquisas em territórios e ocupações, urbanas ou rurais, onde a composição dos sujeitos da pesquisa varie, mas a democracia do método se mantenha.

I. Pedagogicamente para a realização da experiência o que nós podemos elencar como fundamental? [Encontro realizado em 27 de maio de 2023]

Como a questão é mais para o lado do pedagógico, imagino que a resposta seja mais no sentido do que nós pensamos que seja fundamental no momento das aulas em si, né? Para mim seria a contextualização, deixa eu explicar. Já participei de escolas para adultos antes, mas é estranho. Começando pelo fato de as escolas serem sempre muito distantes e os professores não fazem a menor ideia do que é uma ocupação. Daí por mais que se esforce, não chega na gente. E nem é culpa dele no fim das contas. A gente luta todo dia é pras ocupações deixarem de ser necessárias, são coisas que não deveriam existir e se existem é porque algo tá errado. E para isso os professores não estão

Educação Popular e Movimento Sociais: a experiência do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - PE

preparados, ou pelo menos os que eu pude conhecer. Pra resolver isso a escola precisa estar aqui dentro. A luta ensina muita coisa e saber como usar essas sabedorias adiantaria muito o processo de alfabetização da gente, fora que aproxima mais tanto fisicamente quanto da vida mesmo os professores dos alunos (M.B 1).

Essa fala, que abriu a discussão do Círculo de Cultura, caracteriza duas questões que existem concomitantemente e colaboram para a mesma finalidade: a aproximação político-pedagógica e física da escola com seu público-alvo, no nosso caso, membros de uma ocupação urbana. Quando voltamos à primeira seção do segundo capítulo do presente trabalho, percebemos que essa aproximação é fundamental para se criar um ambiente que seja ao mesmo tempo convidativo e que cumpra bem as finalidades pedagógicas à qual se dispõe. Com tal raciocínio, não nos bastava transportar, para dentro do território da Carolina, perspectivas e métodos da escola tradicional; o que nos interessava, principalmente, era aproximação conjunta do espaço físico e do “universo vocabular” dos sujeitos que compunham aquele espaço. Foi pensando nisso que iniciamos a formulação do Projeto Político Pedagógico (PPP) que fundamentaria, para os educadores populares, as premissas daquele espaço e o modo como deveriam atuar, tanto no que diz respeito a conteúdos quanto ao sujeito que pretendíamos formar naquele espaço.

Concordo e acho que não só o contexto, mas a concepção também. Alienar o processo de alfabetização, mesmo sem querer, tem consequências muito graves, sabe? Se a gente não se importasse com isso ou não se atentasse pra isso, não estaríamos aqui agora. Então acho superimportante a gente se perguntar: alfabetizar para quê? Quais sujeitos pretendemos formar com isso aqui? (...) Pensar essas questões e ter clareza dos objetivos já definirão a nossa linha e evitarão que incorramos em erros básicos (Dirigente 1).

Apoiados pela fala da Dirigente¹ em questão, precisamos saber, além dos objetivos, quais os métodos e as concepções que estamos utilizando para aquela experiência. Existem diferentes métodos, jogos, gêneros textuais, entre outras questões, que podem servir como facilitadores no processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos. Sabendo disso, devemos questionar: com qual finalidade estaríamos fazendo aquilo? Qual nosso horizonte e a fundamentação para a atividade cotidiana? Essa reflexão gerou uma demanda no mesmo dia – assim como ocorreu a partir da fala anterior (M. B1), o que impulsionou o PPP.

Agora, além das formações individuais dos educadores populares, das convicções dos militantes de base e das instruções da direção, se fazia necessária uma formação para os educadores, com a finalidade de homogeneizar a concepção de Educação que seria a liga de

toda a experiência. Essas formações ocorreram no decorrer do mês de agosto, período em que os educadores, mediados por nós, discutiram diferentes obras sobre EJA, Educação Popular e Alfabetização de Jovens e Adultos; também se realizaram oficinas que simulavam aulas práticas com os educandos no território, debatendo metodologias, materiais didáticos e conteúdos possíveis de serem utilizados, levando-se em consideração o universo vocabular dos educandos.

II. Referente à utilidade política da experiência da Nísia Floresta, há algum ganho político para o Movimento que podemos destacar? [Encontro realizado em 08 de julho de 2023]

Acho que um dos pontos principais é a autonomia que legamos a cada militante. Não que não possam confiar em outros sujeitos que não sejam eles mesmos, mas na hora de formular alguma resolução, se inserir na direção e cumprir outras tarefas, dominar o sistema de escrita alfabética contribui muito. Debates também exigem bastante e poder escrever e ler pra poder se situar melhor naquela dinâmica é fundamental. E se nossos militantes aqui presentes, mesmo sem esse domínio, são um exemplo pra todos nós, imagina o que podem fazer com outras ferramentas como a escrita? (Educador Popular 3).

O ganho político do Movimento estaria na capacidade de desenvolver as potencialidades de cada militante, pulverizando as atividades. Essa descentralização geraria maior capilaridade do Movimento em vários aspectos, além de diminuir a sobrecarga que poderia levar um militante à exaustão. Alfabetizar toma uma nova forma quando deixa de ter uma finalidade simplória, apesar de importante, e passa a assumir outras mais complexas, contribuindo para o funcionamento interno do próprio Movimento. Esse fragmento deixa claro que, quanto menos entraves existirem entre os militantes e a realização de tarefas, mais eficiente fica a sua atividade, além de diminuir a burocracia do próprio Movimento, isso ao passo que demandas pessoais imediatas suprem a necessidade de resultados que vão justificar a continuidade ou não daquela experiência.

(...) Exatamente. Vocês não sabem por que, graças a Deus, tiveram a chance de estudar. Mas quando não se sabe de algo, as pessoas costumam tirar muito proveito. E ainda que você não leia ou escreva, você sempre sabe de algo, mas esse algo tem limites. Aqui pretendo aprender mais, deixar de ser uma lâmpada sem luz, né? Um poste apagado. Quando a gente acende, a gente tem uma utilidade própria e pode iluminar o caminho para outras pessoas caminharem. Acho que esse é o trabalho de um professor e eu espero poder conseguir fazer o mesmo. Sair do roçado pra cidade deixa um monte de marca

Educação Popular e Movimento Sociais: a experiência do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - PE

na gente; sair de um lugar onde você é útil e sabe de muita coisa pra outro onde você não sabe de quase nada e é tratado como um inútil pesa muito nas costas de todo mundo. Acho que fora vocês professores, todos aqui sabem do que tô falando porque temos quase todos a mesma idade. Apanhar, ganhar pouco, ser mandado embora sem mais nem menos, ter que marcar o dedo nos papéis sem nem saber o que tem ali (...) (Militante de Base 3).

O fragmento acima reforça algo que já pudemos discutir anteriormente, mas que nos dá novos horizontes sobre a questão dos ganhos qualitativos e da importância em nível pessoal de experiências como esta. Adorno (2023) colabora com a questão aqui abordada quando teoriza sobre o papel da Educação diante da barbárie e qual sua função para a emancipação humana. Esta, a Educação, seria então a garantia da não repetição de barbáries, além de servir como ferramenta para a paulatina superação das condições de opressão que fazem com que diferentes atrocidades sejam perpetradas hoje e no porvir. Após Auschwitz, a Educação teria por obrigação garantir que esse fenômeno não se repetisse, tanto pela memória quanto pelo desenvolvimento de uma nova sociabilidade que inviabilizasse a realização de algo parecido. Neste sentido, não só estaríamos conscientes da não aceitação de sua repetição, como também haveria maiores possibilidades de se repelirem ideias daqueles que ainda conseguem entender e até justificar tamanha calamidade. A Educação teria, portanto, como função a reforma da sociedade, alertando-a sobre o passado, a fim de construir um futuro sem repetição de violência à humanidade.

III. Qual a importância da experiência de Educação Popular da Nísia Floresta para a estratégia do Movimento na luta pelo direito ao teto? [Encontro realizado em 19 de agosto de 2023]

Na visão de alguém que é educador, compreendo que a luta tem várias faces, como a gente já comentou. Se educar enquanto luta é inevitável, mas organizar isso, na mesma medida que organizamos a luta, produz muitos resultados e bem mais satisfatórios se feitos de forma mais sistemática. Assinar documentos, contar nossas histórias, ler mensagens e escrever vai ser tão importante quanto trançar uma via, quanto uma passeata (...). Essa liberdade que nos propomos construir em nossos militantes precisa ir das mãos, dos pés, pro teto até as mentes. Nosso lema dos 25 anos fala um pouco sobre isso, né? Por teto, trabalho e pão (E.P. 2).

Essa questão norteadora gerou um debate, ocasião em que as intervenções apontaram para o mesmo horizonte: é importante uma experiência como a da Nísia Floresta pelo fato de não ser possível a conquista de um teto tão somente e de forma mecânica – e ainda que fosse, o objetivo do Movimento e os anseios dos militantes não são limitados a

isso. Apesar da compreensão de essa totalidade ser importante, pudemos notar também a clareza dos sujeitos do Círculo sobre a necessidade de distinção entre o que é tático e o que é estratégico. A formação política e a Educação Popular são fenômeno amplo que se realiza em movimento, por isso é algo inerente ao contexto com o qual os militantes do MTST estão envolvidos. É fundamental, no entanto, sistematizar as experiências de Educação Popular de forma a montar uma estrutura própria com pessoas responsáveis para cada ponto, evitando negligenciar esse aspecto com a justificativa de que toda e qualquer ação do Movimento é algo formativo.

Quando se pensa na contribuição da experiência na luta pelo teto, eu só posso pensar no quanto isso é importante humanamente. Parece óbvio, mas tem muita gente que romantiza tudo, só que vocês que estão aqui não me deixam mentir: lutar cansa! E muitas vezes, na maioria delas, os resultados das lutas demoram anos pra chegar (...). Uma experiência como essa oferece alguns resultados mais imediatos que são muito importantes pra que nós possamos perceber algumas vitórias e se sentir mais dispostos pra mais lutas, sabe? Se eu aprender a ler e escrever, o que mais posso conseguir com a ajuda da companheirada? (D.M. 2).

No trecho acima, podemos identificar o que o Membro da Direção identifica como contribuições “humanísticas”, qual seja, a possibilidade de, para além de toda percepção utilitarista da experiência, compreender como isso pode mudar a forma como cada um se enxerga e se sente no mundo. Quando retomamos a discussão freiriana sobre as potencialidades da leitura do mundo e da palavra, proporcionadas pela alfabetização e politização dos sujeitos populares, esse trecho se torna ainda mais claro. Ora, o processo de educação interminável durante a vida faz parte da necessidade ontológica do sujeito de “ser mais” e, enquanto existir no mundo, o sujeito não consegue se desfazer de tal necessidade. Essa argumentação se coaduna com o trecho anterior, quando sugere que uma das contribuições é a possibilidade de gerar um resultado imediato, o que afeta, principalmente, o âmbito emocional das suas bases, uma vez que “a luta cansa”. Esse resultado proporciona relativo aumento da legitimidade do Movimento com suas bases e com pessoas de fora, já que apresenta alguns resultados que não demandam anos de espera. Ademais, ainda que o processo de alfabetização seja ele também gradual, o simples fato de se ter um projeto organizado já é suficiente para se penetrar no debate público, enxergando os membros do MTST de uma forma distinta da que habitualmente os marca: “invasores que roubam casas

de pessoas que trabalharam para ter aquilo”.

IV. Como a experiência do MTST pode contribuir para a discussão acerca do direito à educação de maneira mais ampla? [Encontro realizado em 23 de setembro de 2023]

Essa questão se parece um pouco com aquela outra que debatemos em outro momento, mas acho que conseguimos pensar em algumas diferenças (...). Acho que a principal contribuição é mostrar para os outros companheiros e as pessoas de fora que nosso objetivo nunca foi eleitoreiro. A gente quer teto, casa, mas também precisa de outras coisas e o Movimento é sim capaz de oferecer isso pra a gente. Comida, emprego, educação e outras coisas que ajudam a ser pessoas melhores mesmo. A ideia é que olhem pra a gente e vejam cidadãos capazes de fazer qualquer coisa, livres do medo do despejo, do fim de mês, do amanhã. E isso não é coisa que se cruza uma linha de chegada e pronto (...), é só com luta atrás de luta. E estudar ajuda nesse passo a passo. Por isso acho importante. A gente precisa, e se for oferecido dos nossos pra nós, melhor (M. B. 2).

O objetivo dessa questão norteadora é fomentar o debate sobre as potencialidades de experiências de Educação Popular dentro de Movimentos Sociais Populares. Essas experiências demandam tempo, materiais e muitas mãos para serem realizadas, e esse empenho, tanto para os militantes quanto para as lideranças, precisa demonstrar algum tipo de retorno com diferentes prazos para sua efetivação – curto, médio e longo. Nosso debate se propunha a refletir sobre a seguinte pergunta: *Ademais dos ganhos individuais de cada sujeito que participará diretamente da experiência, podemos elencar ganhos coletivos para o Movimento, com foco especial na sua luta fundacional, a luta pelo teto?* E logo no primeiro trecho do Militante de Base (2), podemos compreender que a resposta se apresenta de forma evidente. Poderíamos, a princípio, nos ater aos relatos da literatura, lugares onde experiências similares foram fundamentais para a estratégia de libertação de diferentes povos em diferentes contextos sócio-históricos. Se não o fizemos, foi por entendermos que cada território e cada momento histórico produzem demandas específicas que só podem ser respondidas a partir de uma análise coletiva daquelas condições.

Dessa forma, o Militante² em questão, no contexto do círculo e em consonância com este, afirma que a principal contribuição para a luta e para o Movimento é a criação de outra frente de luta – ou seja, a capacitação de seus militantes –, porém, ao mesmo tempo, demonstrando para as pessoas de fora dos territórios que ali é também um espaço pedagógico, de aprendizagem; não se trata, portanto, de uma “fábrica de candidatos”, como muitas vezes pode ser enxergado. E essa disputa no âmbito ideológico, de concepção

de mundo, contribui de diferentes formas não só para o Movimento, mas, principalmente, para a conquista de espaço no debate público sobre o que é o MTST e como este atua, como faz política e como pode contribuir em diferentes aspectos da vida dos sujeitos que compõem as suas bases.

Por fim, vale ressaltar que, das atividades realizadas no Círculo de Cultura, dados foram adquiridos, recortados e analisados, respeitando-se parâmetros de não redundância, centralidade na questão norteadora e a maior pluralidade de resposta possível, com o objetivo de dinamizar os referidos dados, equalizando-se a dinâmica de classes interna ao Movimento, respeitando-se o tempo e espaço de cada membro do Círculo de Cultura. Após o último encontro, a lógica do Círculo de Cultura foi descontinuada e os encontros voltaram a ter um caráter de reunião ou assembleia, com pautas pré-determinadas e sem o objetivo de refletir sobre questões específicas; logo, seriam tratados outros assuntos por todos e todas de forma mais espontânea, dado que os Círculos demandam um desdobramento maior da militância, se mostrando uma atividade relativamente cansativa e que não condizia com a lógica de repasses e criação de demandas características dos encontros que continuaram acontecendo com a equipe que compõe a Nísia Floresta no território Carolina de Jesus.

Considerações finais

Nosso objetivo com este trabalho, além de socializar dados qualitativos sobre uma pesquisa, foi também o de fomentar o debate sobre formas de se realizar uma pesquisa dentro de territórios, em contextos ainda pouco tradicionais da pesquisa aplicada em Educação. Para isso, fez-se uso de um método de coleta e análise de dados que levou em consideração as nuances do território e dos seus sujeitos. Os tempos, as intervenções, a forma e o conteúdo de uma pesquisa precisam estar adequados a esse contexto, já que se trata de um *locus* de pesquisa cuja própria dinâmica interfere diretamente nos cronogramas estabelecidos de fora para dentro. Dessa maneira, utilizamos a metodologia da IAP como uma alternativa possível dentro do universo das pesquisas-ação, por considerar que, além de determinar uma forma de se organizar o trabalho, exige também um compromisso político com aqueles sujeitos que participaram do processo investigativo.

Ademais, alcançamos resultados que podem não só servir de base para pesquisas futuras, mas também indicar o que pode ser realizado quando a investigação em Educação

promovida pelas Instituições de Educação Superior se encontra com organizações populares, movimentos sociais, produzindo um fértil solo para pesquisas de diferentes matizes teóricos e metodológicos. Sobre a utilização dos Círculos de Cultura como meio de aquisição/obtenção e análise coletiva de dados, pudemos concluir que se trata de um método que, diante de propostas de trabalhos realizados e inseridos em uma coletividade, possui o potencial de ampliar as vozes e a própria dinâmica dos dados. Não havia uma resposta incorreta e todos os trechos descritos foram construídos coletivamente, apesar de descrevermos o sujeito que primeiro levantou a questão ou que conseguiu produzir algum consenso em torno da própria fala. Entrevistas, questionários e outros instrumentos de coleta de informações pressupõem uma individualização dos dados da pesquisa, isolando os sujeitos e limitando a dinâmica dos dados a quanto um único sujeito consegue formular naquele momento; ademais, esses instrumentos acrescentam um verniz de pesquisa formal que pode, no caso da nossa pesquisa pelo menos, retirar ou reduzir a organicidade daquele processo, já que haveria um momento destinado única e exclusivamente à pesquisa em si, enquanto os Círculos são espaços de diálogo e resolução de problemas da própria experiência. Assim, ainda que as questões norteadoras fossem parte constitutiva da análise da pesquisa, também funcionaram como questões centrais para se pensar e se repensar a experiência da Nísia Floresta no território, constituindo uma dupla finalidade.

No que diz respeito à análise dos dados, feita também no contexto da coletividade do Círculo, a dinâmica também é amplificada ao passo que não limita as análises a esse ou aquele critério passional do pesquisador, evitando que este os submeta a um arcabouço teórico avaliativo pré-formulado, único e universal. Há ali um espaço onde a análise do discurso aparece, na medida em que todos os presentes avaliam o que está sendo posto – seus conteúdos e a forma como está sendo posta cada fala; há também uma análise de conteúdo, uma vez que cada sujeito estabelece categorias analíticas que serão importantes no seu julgamento. Por último, há a mediação do pesquisador que, longe de manejar a pesquisa à sua sorte, é conduzido a lidar com uma dinâmica que, se desviada, pode, em alguns casos, atropelá-lo diante dos demais sujeitos do Círculo. Isso equaliza o processo de análise, evitando tanto uma resolução passional dos dados ou uma terceirização de sua análise. Mediar essa dinâmica é não esquecer o horizonte do debate e fazer com que ele seja sempre reorientado, sem tolher as colocações dos outros sujeitos, identificando

questões que são puramente analíticas, compreendendo-se, além disso, a importância de uma resposta regada de afetos – há que se considerar que se trata de um afeto exposto ao coletivo e que representa um todo, não o desejo do pesquisador A ou B diante do fenômeno por ele analisado.

Dessa maneira, apesar da pouca ortodoxia do método, compreendemos que foi a escolha mais adequada ao contexto que nos propomos analisar. A pesquisa se pautou pelo compromisso com os sujeitos, com a organicidade do projeto de intervenção e com a utilidade mútua de aspectos da pesquisa como seus produtos, sentindo e pensando a pesquisa e o movimento. A metodologia dos Círculos foi capaz de lidar com essa dinâmica, respeitando os limites de cada sujeito envolvido, situação para o que, se apreciada por métodos mais assentados na academia, talvez se enfrentassem problemas. Os sujeitos, em especial os alfabetizando, militantes de base, pela posição que ocupavam na experiência, inicialmente se colocavam como menos importantes, incapazes de dar qualquer contribuição, o que foi sendo problematizado, desconstruído e reconcebido no processo. Abrir um espaço de fala livre para uma reflexão coletiva sobre tudo o que envolvia a Nísia Floresta, possibilitado pela pesquisa, promoveu o fortalecimento do perfil, como sujeitos da sua própria história, daqueles que estavam presentes no Círculo, além de permitir a aproximação da concepção de Borda sobre os sujeitos de uma pesquisa serem pesquisadores e pesquisados ao mesmo tempo, sem objetificar os que se dispuseram a contribuir.

Referências

- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideología y aparatos ideológicos del Estado**. Freud y Lacan. Buenos Aires: Nieva Visión, 2003.
- BORDA, Orlando. Fals. **Ciencia, compromiso y cambio social**. Caracas, Venezuela: Fundación Editorial El perro y la rana, 2014.
- BORDA, Orlando. Fals. Orígenes universales y retos actuales de la IAP (Investigación Acción Participativa). **Peripecias**, n. 110, 2008 [1999], p. 1 – 14.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Prefácio: cinquenta e um anos depois. In: STRECK, D. R., ESTEBAN, M. T. **Educação Popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BRUTSCHER, Volmir José; SCOCÚGLIA, Afonso Celso. **Discursos da educação popular contemporânea: encontros com Michel Foucault e Paulo Freire**. João Pessoa, PB: Editora da UFPR, 2017.
- CHICHOSKI, Pamela. **A interdisciplinaridade na pesquisa e na ação participativa: contribuições de Orlando Fals Borda**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021.
- FÁVERO, Osmar. Paulo Freire, movimentos sociais e educação de jovens e adultos. In: STRECK, Danilo; ESTEBAN, Maria (org.). **Educação popular: lugar de construção social coletiva**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. Brasília: MMA, 2006.
- LEAL, Eduardo. La investigación Acción Participación, un aporte al conocimiento e la transformación de Latinoamérica, en permanente movimiento. **Revista de Investigación** N° 67. Vol. 33 (Mayo-Agosto) 2009.
- PALUDO, Conceição. Educação Popular como resistência e emancipação humana. **Cad. Cedex**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio-ago., 2015.
- SILVA, Hélio Alexandre da. A. **Sonhos e resistências: MTST e os testemunhos da luta popular urbana**. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2023.
- SILVA, Roberto da; MACHADO, Érico Ribas. Uma mesma teoria geral para a educação popular e a educação social? Aproximações empíricas, teóricas e metodológicas. In: STRECK, Danilo; ESTEBAN, Maria (org.). **Educação popular: lugar de construção social coletiva**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Sobre os autores

Jhonatan Júnior Alcântara

Mestre em Educação (UPE-2024), possui Graduação em Pedagogia (UPE-2019). Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Educacionais, Sujeitos, Docência e Currículo (POSDOC). Pesquisa na área de políticas curriculares, gestão e teorias do currículo; Educação Popular e Movimentos Sociais Populares, com enfoque em formação popular para jovens e adultos. E-mail: Jhonatan.alcantara@upe.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9186-1217>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9769570445987222>

Volmir José Brutscher

Doutor em Educação (UFPB-2017). Possui Mestrado em Educação (UPF-2004), Graduação em Filosofia (UPF-1997) e Licenciatura em Pedagogia (FGD-2017). É professor da Universidade de Pernambuco (UPE), vinculado ao Curso de Pedagogia, atua em outros Cursos de Licenciatura e no PPGE-UPE, no qual está como vice coordenador no momento. É coordenador do Núcleo Extensionista Educação, Trabalho e Movimentos Sociais. É membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Educacionais, Sujeitos, Docência e Currículo (POESDOC/UPE) e do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (EXTELAR/UFPB). E-mail: volmir.brutscher@upe.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5448-0941>
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3342620945284453>

Recebido em: 28/04/2024

Aceito para publicação em: 16/08/2024